

**MAGRO DE AÇO:
a história viva do rádio-jornalismo esportivo piauiense**

Gustavo Fortes Said
Raquel Holanda

RESUMO

A história do rádio-jornalismo esportivo no Piauí teve início na década de 50, quando foram realizadas as primeiras transmissões ao vivo de jogos de futebol no Estado pelo jornalista Carlos Said. Desse período em diante, o Magro de Aço, como é apelidado carinhosamente o citado jornalista, se tornou um personagem atuante na construção e consolidação desta prática radiofônica. Para muitos, ele é história viva do rádio-jornalismo piauiense e uma referência para as gerações posteriores, sendo assim bastante significativa a sua importância nos estudos do jornalismo esportivo no Piauí, e em particular, em Teresina. Este artigo propõe analisar: a) a contribuição do jornalista em questão para o desenvolvimento do rádio-jornalismo esportivo no Piauí; b) e a forma como esse personagem tão singular da história do jornalismo piauiense foi se constituindo junto ao imaginário público. Para tanto, os autores fizeram uma ampla pesquisa documental e realizaram inúmeras entrevistas com o personagem em questão e também com os principais profissionais que fizeram parte da história das transmissões radiofônicas esportivas no Piauí.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio-jornalismo. Jornalismo Esportivo Piauiense. Carlos Said.

INTRODUÇÃO

A paixão de Carlos Said pelo esporte teve início na infância. Por volta dos seis anos, já driblava a rigorosa educação que recebera dos pais de origem síria, fugindo de casa para jogar futebol. Além disso, o gosto pelo esporte o levava a procurar as casas de pessoas que possuíam aparelhos de rádio para ouvir os programas esportivos e os jogos transmitidos. A vida de Carlos Said a partir daí cruzou com o esporte e com o futebol e rendeu uma união que perdura quase 77 anos.

No colégio e nas praças de Teresina onde jogava futebol, Carlos Said já exercia algum talento jornalístico, publicando em murais os resultados das partidas realizadas. Além disso, procurava acompanhar as notícias e comentários esportivos sobre os jogos nacionais que escutava nas rádios. A partir daí passou a acompanhar os jogos que aconteciam em Teresina e sentiu a necessidade de publicar informações esportivas nos meios de comunicação – rádios amplificadoras e jornais impressos - da cidade. Foi então que Carlos Said começou a procurar nos veículos de comunicação impressa de Teresina um espaço para a publicação de notas e pequenos comentários sobre o esporte local.

A experiência no Jornal do Piauí, iniciada em 1943, quando ainda era estudante ginásial, o levou a colaborar nas amplificadoras da cidade. Daí foi um pulo para que o



jovem jornalista invadissem as emissoras de rádio assim que elas surgiram. Carlos Said começou a trabalhar na Rádio Difusora, a primeira emissora instalada em Teresina, no ano de sua fundação, em 1948. Na emissora, o jornalista estruturou seu Departamento Esportivo em 1955 e o chefiou até 1962, quando, com a fundação da Rádio Pioneira, a vida de Carlos Said mudou significativamente. Ele passou a integrar a equipe da rádio e criar os departamentos de jornalismo e de esportes. A equipe esportiva foi formada por Carlos Said, que após sair da Rádio Difusora convidou seus alunos (nessa época, era professor de História e Geografia em alguns colégios de Teresina) e antigos colegas de trabalho para ingressarem na rádio católica de Teresina.

Aos poucos, os ouvintes foram se rendendo ao fascínio da transmissão esportiva e à programação da equipe da Rádio Pioneira. O fato modificou tanto a sociedade que até mesmo os tradicionais jornais impressos, antes tão ligados aos assuntos políticos, passaram a noticiar os acontecimentos relacionados aos personagens das equipes esportivas.

Daí em diante, Carlos Said passou a consagrar o seu trabalho à frente do rádio-jornalismo esportivo, sendo reconhecido não apenas como seu fundador, mas como personagem de grande importância no imaginário público, sobre o qual gravitam outros personagens e circulam histórias. Assim, após anos de dedicação à vida esportiva, Carlos Said passou a ser reconhecido como um singular personagem da história do rádio-jornalismo esportivo piauiense, uma espécie de lenda viva sobre a qual circulam inúmeras histórias.

Este artigo se deteve em fazer uma breve descrição da atividade e de trechos e passagens da vida do jornalista Carlos Said, o homem que é a história viva do rádio-jornalismo esportivo piauiense.

1. O fascínio pelo esporte

Nascido em 14 de janeiro de 1931, numa época em que a cidade de Teresina oferecia poucas opções de lazer, Said não teve uma especial educação esportiva na infância. Começou a jogar futebol na rua, quase sempre sem o consentimento dos pais e a despeito da tradição religiosa síria (cristã ortodoxa) e da educação bastante rígida que recebera. Ainda assim, por volta dos seis anos, o menino já driblava a marcação cerrada exercida pelos pais. “Eu ajudava meu pai no balcão da loja, mas muitas vezes ele relaxava e eu escapulia para jogar futebol, é claro”, conta Carlos Said (2006).

Mas não era apenas por jogar “bola” (desta forma era que Carlos Said, na sua infância, se referia aos jogos de futebol) que Said se interessava, ele gostava de futebol de “botão”, colecionava gibis esportivos, revistas de esporte ilustradas e livros sobre futebol. Foi nesse período que começou a formar seu arquivo.

O esporte já se tornara antes dos 10 anos de idade seu assunto preferido, o que o levava a freqüentar a casa de pessoas que possuíam rádios para que ele pudesse, assim, ouvir os programas esportivos e os jogos. Foi escutando esses jogos, ainda na década de 30, que Carlos definiu o time pelo qual torcia: o Flamengo do Rio de Janeiro.



Ainda moleque, com uns oito anos, Said começou a ter acesso aos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro¹, apesar do atraso com que chegavam a Teresina. O fascínio pelo esporte só foi crescendo e, ainda na tenra idade, Carlos decidiu que seu futuro profissional estaria intimamente ligado ao esporte. Seu desejo era ser comentarista esportivo - e jogar futebol foi uma atividade que apareceu naturalmente na sua vida.

Em 1937, véspera da terceira copa do mundo, realizada na França, eu estava nesta época com idade aproximada de 7 anos e os jornais do Sul do país, principalmente, jornais, que rádios eram uma dificuldade aqui em Teresina e os jornais chegavam com atraso de 30-40 dias. E eu lendo os jornais daquela época: O Globo, Correio da Manhã, diziam os jornais: 'Os melhores craques do Brasil irão para a terceira Copa do Mundo: Valter, Domingos da Guia, Leônidas, Perácio, Tiim, Jarbas, Hércules, Romeu, Machado e outros jogadores fantásticos daquela época. E mais adiante diziam os melhores são: Domingos da Guia e Leônidas, pertencentes ao Clube de Regatas do Flamengo'. Então eu intui é por aqui...eu vou ser comentarista de futebol. Jogador nem tanto, já batia bola de meia, de papel, de campo, mas vou torcer pelo Flamengo (SAID, Carlos, 2008).

E o fascínio pelo esporte e pelo futebol só foi crescendo. Quando iniciou os estudos no ginásio, por volta dos 10 anos, Carlos Said começou a jogar futebol na rua e no colégio. Ele narra esse período da seguinte forma:

Eu fugia da loja de meu pai ou pulava o muro dos fundos do quintal da minha casa para ir jogar futebol na praça Saraiva, em qualquer campo ou lugar que se jogasse futebol. E quando voltava para casa levava uma pisa de primeira. E muitas vezes ficava sem almoço ou sem jantar, porque o papai dizia: 'Aonde o galo canta você janta', e como eu chegava tarde em casa ficava sem (SAID, Carlos, 2008).

Com a educação rígida que recebera, em casa seu pai não o dava liberdade para a prática esportiva, queria que o filho se dedicasse primeiramente aos estudos. Para conseguir as peripécias de sair de casa para suas 'peladas', Carlos contava com a proteção de sua mãe e de sua irmã mais velha. "Minha mãe me protegia, ela gostava que eu jogasse futebol. Nas fugas para jogar futebol, eu contava com mamãe e com minha irmã mais velha, que hoje mora em São Paulo e tem 82 anos. Mas papai preferia que eu cuidasse primeiro dos estudos", conta Said (2006).

Como tentativa de incentivar o filho a estudar e deixar o esporte de lado, seu Salomão Said, pai de Carlos Said, colocou-o no colégio de maior tradição da cidade de Teresina, que era conhecido pela excelência de seus diretores e educadores. Foi então que Carlos Said começou a estudar no Leão XIII. Sobre o colégio o comentarista relembra:

¹ A convite do Dr. Leônidas Melo, governador do Estado do Piauí na época e padrinho de Carlos Said, o então menino teve acesso livre ao Palácio de Karnak, sede do governo. E com isso tinha acesso direto a todos os veículos de comunicação que o Palácio recebia.



O ginásio Leão XIII tinha os melhores educadores do Piauí. Eles tinham uma pedagogia interessante: fazia com que a criançada se apercebesse dos erros que teria se largasse os estudos. Então meu pai me entregou para Moacir Campos e Antilhon Ribeiro Soares para que eu recebesse a educação deles. Com o professor Antilhon eu aprendi a ser ator de teatro estudantil, jogador de futebol e instrutor (o que hoje se chama de técnico). Quer dizer, eu aí passei a estudar sabendo que tinha outras virtudes acatadas pelo professor Antilhon. Então me entrosei com ele. Eles sabiam apoiar os estudantes (SAID, Carlos, 2008).

Além de praticar o esporte no colégio e nas praças de Teresina, Carlos também ia atrás de notícias e comentários esportivos dos jogos nacionais que escutava nas rádios, e a partir daí passou a acompanhar os jogos que aconteciam em Teresina e sentiu a necessidade de também ter informações esportivas nos jornais na cidade.

Foi então que Carlos Said começou a procurar nos veículos de comunicação impressa de Teresina um espaço para a publicação de notas e pequenos comentários sobre o esporte local.

1.1.Os primeiros passos de Carlos Said no jornalismo esportivo

Por volta de 1943, eu respirava futebol, mas a cidade, o Estado e o Brasil respiravam a política. A política aqui era dura, incisiva, porque os dois grandes partidos políticos (UDN e PSD) se digladiavam, era questão de ter pancada, morte, tiros. Por isso só tinha dois jornais em Teresina, O Jornal do Piauí, do Governo (PSD), e o Jornal O Piauí, da oposição. E certo dia eu cheguei à sede do jornal do Piauí, já comparecia ao futebol local, no campo da fiação, olhando, espiando, na tentativa de escrever. Quando cheguei no jornal vi o professor Camilo Filho, que já era meu professor no ginásio, falei com ele. Mas ele disse que no jornal não tinha espaço para comentarista de futebol. Implorei por um pequeno espaço, eu então com 12-13 anos. Então o professor disse que se eu quisesse mesmo, que escrevesse aos domingos apenas informando os jogos que iam acontecer, o resultado dos jogos passados e quem tinha feito os gols. ‘Flamengo 2, Botafogo 1, marcado por Fatigue, Caiara e Diolindo’. As notas eram semanais ou então quinzenais. E aí eu fui tomando gosto e furando, pedindo para escrever 5 linhas, 10-15 linhas e com o poder do convencimento eu inaugurei no Jornal do Piauí (SAID, Carlos, 2008).

É assim que Carlos Said narra o início da sua atividade no jornalismo esportivo piauiense, por volta de 1943, quando ainda era aluno ginásial e já aprendia os primeiros passos da redação esportiva, escrevendo apenas os resultados dos jogos. “Jogaram ontem Botafogo e Flamengo pelo Campeonato Carioca e o jogo terminou no zero a zero”, exemplifica Carlos Said (2006).

Seguindo esta tendência, Carlos passou a acompanhar mais de perto todos os lances dos jogos que aconteciam em Teresina. Começou aí sua vida profissional no



jornalismo esportivo. Profissão esta que lhe deu um estilo de vida diferente, fazendo-o enfrentar diversos obstáculos para sempre poder estar ao lado dos acontecimentos mais importantes do esporte piauiense, mas, como ele próprio diz, foi isso que o tornou um ‘furador’.

Eu fui furando. Pedindo mesmo. Sou doido, mas quero escrever. Tomara ‘brogue’, palmatória, mas brincava de escrever. Eu chegava em casa e apanhava. Eu estudava de manhã no Leão XIII e à tarde eu ia para o jornal e ninguém sabia onde eu estava. Saía escondido, jogava escondido. Pulava o muro. Apanhei muito. Às vezes eu deixava de almoçar para jogar futebol (SAID apud FREITAS, Denise. BRANDÃO, Lucy A., 2003, p.61)

Paralelamente ao seu trabalho no jornal impresso, Said colaborou com as amplificadoras Teresinense e Cidade Verde, de 1942 a 1948, transmitindo os jogos locais aos domingos e participando de programas esportivos. As dificuldades enfrentadas pelas amplificadoras eram enormes, mas o agora radialista Carlos Said se esforçava para transmitir aos ouvintes notícias do futebol nacional durante os programas noturnos, começando aí a desvincular as amplificadoras da idéia de que os veículos de comunicação tinham que ter o viés totalmente político. A chegada de Carlos Said nas amplificadoras é mais um episódio das suas ‘furadas’ no jornalismo esportivo piauiense: “Fazia comentários nas torres de amplificação instaladas nas praças Pedro II, Rio Branco e Saraiva, disse que tinham que me aceitar. Fui furando também. Já tinha três anos de furador do Jornal do Piauí, com a idade de 12 para 13 anos, então acabaram me aceitando” (SAID, 2006).

O trabalho nas amplificadoras gerava poucas e curtas inserções nos seus programas, quase sempre lidas dos próprios estúdios das rádios e amplificadas pelos alto-falantes instalados nos postes das praças do centro de Teresina. Tudo se resumia à leitura, em breves segundos, dos resultados das principais partidas dos campeonatos nacional e estadual de futebol. Não havia, ainda, até ali, uma equipe esportiva que, nas rádios, se ocupasse da programação esportiva. Mas aos poucos o interesse pela divulgação de acontecimentos esportivos começou a recrudescer.

As atividades jornalísticas não impediram com que Carlos Said continuasse a atuar como jogador. Em 1946, junto com estudantes do Leão XIII e apoiado pelos professores Antilhon Ribeiro Soares e Moacir Madeira Campos, Carlos participou da fundação do River Atlético Clube (antigo River Plate Clube)², em primeiro de março, ocasião na qual definia também sua posição na equipe recém-fundada. “O River saiu dos porões do Leão XIII, era nos porões que a estudantada trocava de roupas, calçava as

² Carlos Said também acompanhou de perto a fundação do outro time de futebol teresinense, o Flamengo do Piauí, em 1937. A fundação do Flamengo do Piauí foi em 8 de dezembro de 1937, e como Carlos já tinha simpatia pelas cores vermelha e preta do grupo carioca passou a torcer pelo time. “Essa minha tendência começou exatamente na infância”, conta Carlos Said.



chuteiras e de lá ía a pé, ou de Kombi para os campos jogar ou para o Lindolfo Monteiro”, relata o ex-goleiro riverino (SAID, 2006).



Figura 1 Carlos Said atuando como goleiro do River. Jogo contra o Sobral (CE) em 1952

Jogando pelo Ríver, Carlos conseguiu o título de bicampeão ginásiano em Teresina em 47. Em 1948, o time já começou a disputar o Campeonato Estadual. Durante os anos de 1952 a 1954, Carlos Said defendeu a camisa da Seleção Piauiense de Futebol. Voltando a defender a bandeira riverina, o jogador foi campeão estadual pelo time no dia seguinte ao seu casamento, em 15 de julho de 56. Este foi o último ano de Carlos Said como jogador. A partir daí, o ex-goleiro assumiu a posição apenas de jornalista e cronista esportivo, além de trabalhar no IBGE e de ser professor de História e Geografia em vários colégios de Teresina.

Como jornalista esportivo, Carlos Said deu continuidade às colaborações nas amplificadoras Teresinense e Cidade Verde e chefiou o Departamento de Esporte do Jornal do Piauí de 1943 a 1951. Contudo, em 1948 o cenário para atuação do jornalismo esportivo se expandira com a instalação da Rádio Difusora³ em 18 de julho.

2. O encontro com o rádio-jornalismo esportivo

³ A Rádio Difusora de Teresina, na verdade, foi fundada em 13 de julho de 1946, mas só chegou ao ar em 18 de julho de 1948. No primeiro ano de funcionamento, a rádio operou em ondas largas, ZYQ-3. A primeira emissão desta estação foi na frequência de 1.370 Kc/s e na potência de 1KW, e posteriormente foi elevada para 10KW. Em 5 de junho de 1949 a emissora passou a operar em ondas curtas, ZYU-8.

Carlos Said começou a trabalhar na Rádio Difusora (pertencente ao grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand), a primeira emissora instalada em Teresina, em 1948. Apesar da rádio, assim como os jornais, ter um cunho essencialmente político, Carlos Said mais uma vez ‘furou’.

Com uma estrutura ainda precária a rádio começou a funcionar, e Said relembra as dificuldades da época:

As dificuldades surgiam na tecnologia incipiente dos aparelhos que eram utilizados (amplificadores), linhas de som, microfone (somente um para todos trabalharem) e falta de retorno (dos estádios para os estúdios e vice-versa). Empirismo esportivo, mas acima de tudo heróico e gratificante, porque assim o aprendizado foi mais útil e honesto (SAID, 1991).

Nos anos 50, estruturou o Departamento Esportivo da Rádio Difusora e assumiu a sua chefia. A partir deste momento, a emissora passou a reservar um horário, denominado Tardes Esportivas (LIMA, 2007), para a divulgação do esporte. Esse departamento formou a equipe esportiva Trindade Júnior, composta, além de Carlos Said e Areolino Costa, por Pedro Mendes Ribeiro e Ferdinand Paiva, que se revezavam nas funções de produtores.



Figura 2 Primeira Equipe esportiva do rádio-jornalismo piaueense

Aos poucos, os ouvintes foram se rendendo ao fascínio da transmissão esportiva e à programação da equipe da Rádio Difusora. O fato modificou tanto a sociedade que até mesmo os tradicionais jornais impressos, antes tão ligados aos assuntos políticos, passaram a noticiar os acontecimentos relacionados aos personagens das equipes esportivas.

Em 1961, por exemplo, o jornal Folha da Manhã noticiava de forma entusiástica:

Esportes? Só na Difusora! DOMINGO – Estará em ação a melhor equipe esportiva de 1960, transmitindo lance por lance, detalhe por detalhe, o



sensacional clássico River X Piauí pelo certame teresinense de futebol (1960). Transmissão dupla a cargo de Carlos Said e Dennis Clarck. Comentários imparciais de J. Vieira. Reportagem de Raimundo Lima. Plantão esportivo a cargo de Ben-Hur Martins. DIFUSORA – A EMISSORA “ASSOCIADA DAS GRANDES INICIATIVAS”. (FOLHA DA MANHÃ, 1961a)

Meses depois, o mesmo jornal noticiava o fim da equipe de esportes da Difusora, destacando a figura do seu fundador e concedendo ao mesmo um status de personagem de grande importância no jornalismo local:

C. SAID SAIU DE VEZ – Parece ter chegado a seu final a novela Carlos Said – Rádio Difusora. O Said resolveu mesmo abandonar a ‘associada’ de uma vez por todas. Com a saída de C. Said, liquidou-se o Departamento Esportivo da Difusora. Quem duvidar de nossa informação, é só ouvir as resenhas esportivas (13:15 e 18:15hs). São de amargar. (Coluna do Rádio, Folha da Manhã, 08/12/1961, p.06).

Neste momento, em 1962, com a fundação da Rádio Pioneira⁴, a vida de Carlos Said mudou significativamente. O coordenador da nova rádio, Dom Avelar, Arcebispo de Teresina, ao apostar na profissionalização e na racionalização das atividades radiofônicas e numa linha de programas populares, aqui incluídos os programas esportivos, convidou Carlos Said para integrar a equipe da rádio e criar os departamentos de jornalismo e de esportes.

Quando eu estava na Difusora (...) D. Avelar quis fundar a Pioneira. Ele acreditou em talentos novos, gente jovem. Daí ele me tirou da Difusora e me levou com ele. E eu tinha, na época, estudantes meus que eram jogadores de futebol e eram ‘doidos’ para trabalhar comigo. Quando eu fui para a Pioneira, levei-os comigo no dia 08 de setembro de 1962. (SAID apud FREITAS, BRANDÃO, 2003, p. 68-69)

A equipe esportiva da Rádio Pioneira foi formada por Carlos Said, que após sair da Rádio Difusora convidou seus alunos e antigos colegas de trabalho para ingressarem na rádio católica de Teresina. Estes eram: Fernando Mendes, Ariovaldo Alencar, Carlos Dias, Valdir Araujo e o Dídimo de Castro⁵.

Contudo, por problemas com a administração da rádio católica, em 1967, Carlos Said marcou a sua volta para a Rádio Difusora. Mas este retorno foi por pouco tempo, pois Said voltara a trabalhar na Rádio Pioneira em 1968. E, novamente, o regresso do

⁴ A emissora foi criada pela Arquidiocese de Teresina em 8 de setembro de 1962, integrando-se ao Movimento de Educação de Base – MEB e era coordenada pelo Arcebispo de Teresina: Dom Avelar.

⁵ Começando a trabalhar junto com Carlos Said em março de 1962 ainda na Rádio Difusora, Dídimo de Castro e ele formam hoje a dupla de radialista mais antiga do país. São mais de 46 anos de convivência diária e de um trabalho árduo. A dupla ainda na década de 60 ganhou o apelido de *Magro de Aço e Pequeno Polegar*. O porquê deste apelido mais adiante será revelado.



jornalista à emissora católica se deu através de convite de Dom Avelar, que chamara Dídimo de Castro para chefiar o Departamento de Esporte da emissora e queria que Said voltasse a integrar a equipe. “Então eu, amigavelmente, resolvi com a Difusora e voltei para a Pioneira”, conta Said (2006), que, ao lado de Dídimo de Castro, até hoje continua participando diariamente da programação da emissora.



Figura 3 Registro da dupla em seu primeiro ano de trabalho juntos, 1962

Dídimo de Castro relembrou algumas viagens que fez, juntamente com Carlos Said, para cobrir eventos esportivos pelo Brasil:

Juntos, percorremos praticamente todo o Brasil fazendo cobertura de jogos de futebol. Na Taça Brasil, no Torneio Nordeste (tempos do Piauí Vibrante) e no Campeonato Brasileiro (Tiradentes-River-Flamengo) vivemos lado a lado as emoções das grandes vitórias e os momentos de tristezas causadas pelas derrotas. Somos pioneiros em transmissões de jogos da Seleção do Brasil. Pela primeira vez na história do nosso rádio, transmitimos os jogos Brasil x Áustria, em São Paulo, Brasil x Iugoslávia e Brasil x Tchecoslováquia, no Rio de Janeiro, nas festividades de despedidas de Pelé no ano de 1971. (CASTRO apud SAID, 2001).

Esta foi a primeira transmissão internacional feita pela dupla Carlos Said e Dídimo de Castro, para uma rádio teresinense. Nesta época, Carlos também já lecionava História e Geografia na Universidade Federal do Piauí.

A década de setenta ainda foi marcada pelo que Said julga ser a partida mais importante em sua carreira de comentarista:

Foi em 73, Tiradentes e Ceará, 1x1. Naquele jogo, eu me empolguei de tal maneira quando vi o Paraná receber a bola na linha média do Tiradentes, Tiradentes apanhando de 1x0, e o Paraná começou a driblar, não um, não dois, não três, mas de sete a oito jogadores do Ceará, inclusive o goleiro, eu comecei



a gritar é gol! É gol! É gol! Tem que ser gol! E o Paraná entrou com bola e tudo.
(CORREIO CORISCO, 2000)

Retrocedendo à década de 60, é fundamental lembrarmos o episódio que marcou a vida do jornalista Carlos Said. Ele foi vítima de um acidente automobilístico. Após ter sido desenganado pela equipe médica, Said se recuperou e passou a fazer os programas de rádio do hospital, onde permaneceu hospitalizado, praticamente imóvel, por meses. Surgia então o personagem Magro de Aço.

3. Consagração do mito “Magro de Aço”

Mas, afinal, o que vem a ser o epíteto Magro de Aço? Por que Carlos Said é chamado assim?

Como foi relatado antes, esta história começa em 2 de março de 1964 quando Carlos Said sofreu um acidente automobilístico que resultou no seu afastamento temporário da atividade rádio-jornalística. Said estava a serviço do jornalismo da Rádio Pioneira quando o automóvel em que estava colidiu com outro. Said sofreu fraturas múltiplas.

Carlos Said descreve o acidente com minuciosos detalhes:

Era mais ou menos 11:30 do dia dois de março, uma segunda-feira, depois de um dia intenso de transmissão esportiva, quando me chamaram urgentemente da rádio Pioneira. Eu pedi a minha chefe, Ida Freitas, para sair (do Colégio das Irmãs, aonde dava aula durante o intervalo do meu trabalho no INSS) que no dia seguinte eu poderia repor a hora. Disseram que havia ocorrido um acidente em José de Freitas, na estrada Teresina-União, que naquele tempo era de piçarra. Nós tínhamos uma frequência modulada instalada numa Kombi. Saímos pela rua Barroso, pegamos a Álvaro Mendes e subimos. Passamos pela Escola Industrial que hoje é a Escola Técnica e naquele tempo a rua era chamada Monsenhor Lopes e quando nós chegamos atrás do Colégio das Irmãs, exatamente no cruzamento da Álvaro Mendes com a Área Leão, um camarada na contramão atingiu nosso carro e só eu fiquei em estado grave (andava também no carro toda a equipe da Pioneira, éramos 8, incluindo eu). Tive fraturas na bacia e na perna. (SAID apud FREITAS, Denise. BRANDÃO, Lucy A., 2003, p.65)

O jornalista Deusdeth Nunes lembra com humor a maneira como Carlos Said se comprometia quando o assunto era levar aos cidadãos as notícias de maneira séria e jornalística, incluindo aí até o seu próprio acidente, quando, oportunamente, usou o bordão da emissora criado por ele. “Carlos Said noticiarista espalhafatoso que deu furo até de seu próprio desastre no veículo da Pioneira. Cheio de porradas, pegou o microfone da frequência modulada e finalizou ‘A Pioneira não pára’” (FOLHA DA



MANHÃ, 1961b), descreve Nunes, lembrando também que sobre essa maneira teimosa com que Said se comportava existem muitas lendas.

Por ironia, o acidente noticiado em José de Freitas era uma notícia falsa. Mas motivado por cobrir jornalisticamente o incidente, Carlos acabara por ficar três meses no hospital e mais nove meses sem poder sair de casa, se reabilitando do grave acidente. “Fiquei entre a vida e a morte. Passei três meses no hospital e nove meses engessado em casa”, disse. Said ficou hospitalizado no apartamento 76 do Hospital Getúlio Vargas e de lá dava continuidade as suas atividades jornalísticas na medida do possível.

Depois de algum tempo de tratamento voltei às minhas atividades do hospital mesmo: escrevia, falava e fazia comentários por telefone. Eu tinha uma máquina de escrever dessas pequenas e trabalhava nela. Nesse tempo, o José Lopes dos Santos me deu 33 linhas no jornal O Dia. Ele disse: -Vamos fazer diferente. Você vai escrever um artigo de 33 linhas nem mais nem menos. E eu fazia, diariamente, 33 linhas sobre esporte e jornalismo em geral. Nem no hospital consegui ficar quieto. (SAID apud FREITAS, Denise. BRANDÃO, Lucy A., 2003, p.64)

Foi durante sua estada no hospital que surgiu o apelido. “O hospital era cheio de pessoas amigas e alguém deve ter passado e deve ter dito: - esse aí se voltar a fazer tudo que fazia é porque é Magro de Aço”, lembra Said. Apesar de não saber quem foi o autor dessa frase, se foi um médico, um enfermeiro, um colega, Said gostou do que ouviu e passou a usá-lo. “O fato é que quem falou estava certo, eu confesso. E devo muito a essa pessoa. Daria a minha amizade eterna se descobrisse a pessoa que me colocou o apelido”, conta (SAID, 2006).

Após receber o apelido e passar a ser conhecido como Magro de Aço, mais um integrante da equipe esportiva da rádio Pioneira ganhou um apelido: Dídimo de Castro, que fazia dupla com Said, passou a ser chamado de Pequeno Polegar. O enfrentamento de tanto obstáculo e o seu amor pelo esporte e pela profissão de jornalista fizeram de Carlos Said a história viva do jornalismo e do rádio-jornalismo esportivo piauiense.

4. Uma história viva

O mito ‘Magro de Aço’ é um dos mais importantes testemunhos vivos da crônica esportiva piauiense. (...). O ‘multiuso de aço’ construiu e ainda constrói parte da história piauiense, principalmente no que diz respeito ao pioneirismo da crônica esportiva do estado e ao incentivo ao esporte local. (FREITAS, Denise. BRANDÃO, Lucy A., 2003, p.47)

A dedicação ao esporte começou cedo, na década de 40, quando Carlos Said ainda tinha seus doze anos. Período no qual ingressou no jornalismo impresso no Jornal

do Piauí, onde trabalhou até o ano de 1951 e chefiou o Departamento de Esporte. Neste mesmo ano de 1951 era fundado em Teresina o Jornal O Dia⁶, local onde Said trabalhou até 1970. Já na década de 70, Said chefiou o Departamento de Esporte do Jornal O Estado, transferindo-se em 1980 para o Jornal Folha da Manhã, onde ficara até 1995. Após esse período em que circulou por várias redações, Carlos se aposentou do batente e passou apenas a colaborar com o Jornal Meio Norte com duas colunas semanais a partir de 1996, publicadas às quartas e às sextas-feiras.

Logo no início da década de 40, Said também partiu para inaugurar o jornalismo sonoro de Teresina. Começou nas amplificadoras Teresinense e Cidade Verde, onde colaborou de 1942 a 1948, quando então surgiu a primeira emissora de rádio. Em 1948, com então 17 anos, Said coordenou a equipe esportiva da Rádio Difusora, dando continuidade a esse trabalho pioneiro até 1962. No início da década de 60, a arquidiocese criou a Rádio Pioneira e convidou Carlos Said para montar a equipe esportiva da emissora. Os trabalhos da emissora seguiram até 1967, quando ele retornou por um ano para a Rádio Difusora, mas logo em 1968 retomou a sua 'casa' e até os dias atuais participa de programas esportivos da emissora, transmite jogos, faz suas famosas crônicas esportivas e ocupa o cargo de comentarista oficial da emissora, da qual Dídimo de Castro é o chefe de esporte desde 1968.

Após anos de dedicação à vida esportiva, Carlos Said se firmou como singular personagem da história do rádio-jornalismo esportivo piauiense, tornando-se a história viva do mesmo.

Said também participou da fundação e construção de vários clubes de futebol piauiense, mostrando que seu fascínio não era apenas pela atividade jornalística, mas pelo esporte. Ele participou da fundação do River Atlético Clube (1946), Sírio-Libanês (1950), Auto Esporte Clube (1952), Piauí Esporte Clube (1956) e Esporte Clube Flamengo (cuja reorganização foi em 1959). E também foi o fundador da APCDEP (Associação Profissional dos Cronistas Desportivos do Estado do Piauí).



Figura 4 Carlos Said também atuou no futebol de salão pelo time Piauí

⁶ O Jornal O Dia é, atualmente, o jornal mais antigo em circulação no Estado do Piauí.

Suas atividades no jornalismo e rádio-jornalismo esportivo lhe deram visibilidade e reconhecimento não somente no estado, mas em todo o país.

Recebi convites do Ceará, Maranhão, Pernambuco, Minas Gerais e Rio de Janeiro para trabalhar fora do Estado, mas não tive vontade de sair da minha terra, porque acreditava que iria construir uma escola de jornalismo e rádio esportivo. E de fato fiz escola. Fundei a APCDEP – Associação Profissional dos Cronistas Desportivos do Estado do Piauí. (SAID, 2006)

Outro reconhecimento em nível nacional veio em 1970, quando Said foi convidado para ser o correspondente oficial da Revista Placar, de São Paulo, posto que Said ocupou até 1990.

No entanto, as atividades jornalísticas de Carlos Said por duas vezes sofreram uma pequena pausa. A primeira, em 1964, foi quando o jornalista sofreu o acidente automobilístico que deu origem ao seu apelido Magro de Aço (o qual foi descrito anteriormente no item: Consagração do mito “ Magro de Aço”). Depois, na década de 80, aconteceu a segunda pausa, quando o cronista sofreu uma forte distensão das cordas vocais em 15 de novembro de 1983. “Eu estava gritando com antecedência, um gol do Flamengo, 1 a 1, contra o Mato, antes mesmo do narrador, Dídimo de Castro, quando minha voz falhou”, diz Said.

Em seguida, no ano de 1984, Carlos Said, em prol de sua trajetória na história do Estado, recebeu o grau de Comendador do Piauí (diploma) e a Estrela Cruzeiro do Sul, a mais notável Comenda Estadual, das mãos do então governador Hugo Napoleão, além do Mérito Renascença.



Figura 5 Said recebe o título de comendador do Estado do Piauí em 1984



Carlos Said começou então a ser reconhecido pela exemplar atuação à frente do rádio-jornalismo esportivo e do esporte piauiense, constituindo um personagem do imaginário popular do Estado, tendo recebido, por isso, vários títulos e homenagens. Em 1985, o então prefeito de Teresina, Freitas Neto, instituiu o Troféu Carlos Said, que é entregue, anualmente, aos melhores do esporte piauiense. E esta não foi a última homenagem recebida pelo jornalista, dentre as muitas que recebeu está um samba que a Escola de Samba Sambão, campeã em 1987, dedicou a ele.

SAMBÃO 87

Enredo: Na boca do povo, os bilinguins do Magro de Aço
Compositor: Ala de compositores do Sambão

Como era bom aos domingos
Bandeira puro cetim
Nos comentários
Tinha sim bilinguins (bis)

Raça vigor, energia
Conhecimento no esporte é doutor
Mente privilegiada
Memória de computador

Que delirante
É a canção singela e franca
É a flor Rosa ou Branca
Se é dada com amor

Neste ano eu sou
A voz do povo
Sou o trovador (bis)

O homem que exalta o enredo
O rádio foi o segredo
Para o povo conquistar

Ôôôô Magro de Aço
Em todo o esplendor (bis)

Como era bom aos domingos... (REFRÃO)

O mestre
Incansável jornalista
Um gênio,
Carlos Said inovador
Amigo leal, futebolista
É amigo dos sambistas
Imbatível lutador
Entre honrarias que possui



Um excelente professor
Que pomposamente com justiça recebeu
O título de Comendador (bis)

Como era bom aos domingos... (REFRÃO)



Figura 6 Durante desfile da Sambão, carnaval de 1987 em Teresina

No samba, a escola utilizou um termo que marca os comentários de Carlos Said até hoje: *bilinguins*. Said conta que o termo é uma gíria esportiva fantástica, que marca o futebol do início do século, época na qual o esporte era recheado pela língua inglesa. Lembra o jornalista:

Nós, brasileiros, seguimos a escola brasileira de lingüística e criamos a gíria. Hoje temos gíria como zona do agrião, chapuletada, canela de pau, frangueiro e como tem, ‘eu vou te mandar para os quintos do inferno’, eu achei que havia algo além dos quintos e disse ‘desgraçado, vai parar nos bilinguins do inferno’ (SAID, 2006)

Nos anos 90, e Carlos Said começou a inovar mais uma vez nos seus trabalhos no jornalismo esportivo. O cronista invadiu a mídia audiovisual e começou em 1993 a participar de alguns trabalhos na emissora de televisão Antena 10. Em 1995, deixou a direção de jornalismo da Rádio Pioneira e investiu na TV Pioneira, hoje TV Cidade Verde, onde atua até hoje como comentarista esportivo. “Fui para a TV Pioneira a convite de Dídimo (de Castro), que queria dar continuidade a dupla que já trabalhava junta há mais de 30 anos”, conta Said (2006).



Estes são alguns fatos que narram a história de vida do jornalista Carlos Said, marcam o reconhecimento de sua trajetória dedicada ao esporte e ao jornalismo esportivo e demonstram que a cada ano, a cada trabalho desempenhado pelo ex-goleiro e cronista esportivo, sua vida se funde à história da atividade jornalística esportiva do Estado do Piauí, em especial a do rádio-jornalismo esportivo, que em 2006 completou 60 anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, Denise. BRANDÃO, Lucy Ana. Carlos Said: o magro de aço do esporte piauiense. In: SAID, Gustavo (org). Entre Rios – perfis e cenários de Teresina. Teresina: EDUFPI, 2003.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Invisíveis Asas das Ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962) em sintonia Dissertação (Mestrado em História), Teresina, UFPI, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. História e Memória do Rádio Pioneira de Teresina. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004.

SAID, Soraya et alli. Magro de Aço 70 anos – Artigos, Crônicas e outros escritos. Teresina: Gráfica do Povo, 2001.

SOLON, Daniel. O Eco dos Alto-Falantes: Memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX em sintonia Dissertação (Mestrado em História), Teresina, UFPI, 2006.

Entrevistas

CASTRO, Dídimo. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 09 de janeiro de 2007a. Duração: 1 hora.

SAID, Carlos. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 12 de setembro de 2006. Duração: 17 minutos.

_____. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 09 de janeiro de 2007a. Duração: 1 hora.

_____. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 21 de março de 2007b. Duração: 41 minutos.

_____. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 04 de abril de 2008. Duração: 38 minutos.



SONORA

ISSN 1809-1652



Jornais

CORREIO CORISCO, Teresina, p.4-5, junho de 2000.

FOLHA DA MANHÃ, Teresina, p.04, 17 de fevereiro de 1961a.

FOLHA DA MANHÃ – coluna do Rádio. Teresina, p.06, 08 de dezembro de 1961b.

Revistas

REVISTA DOS ESPORTES, Teresina, p.12-13, maio-junho de 2000.

Samba

ESCOLA DE SAMBA SAMBÃO, 1987.